



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DANÇA BACHARELADO

ISADORA MENDES GONDIM

DANÇANDO E CRIANDO EM LUGARES QUE NÃO CABEM

FORTALEZA

2022

ISADORA MENDES GONDIM

DANÇANDO E CRIANDO EM LUGARES QUE NÃO CABEM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Vendrami Parra.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G635d Gondim, Isadora Mendes.

Dançando e criando em lugares que não cabem / Isadora Mendes Gondim. – 2022.
22 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Denise Vendrami Parra.

1. Restrição. 2. Pandemia. 3. Dualidades. I. Título.

CDD 792.8

Dedico esse trabalho a minha família e a meus amigos que me apoiaram e me incentivaram nesse percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores que me ensinaram na graduação. Obrigada por todos os ensinamentos.

Agradeço especialmente à Denise Parra por ter aceitado estar comigo nesse processo de trabalho de conclusão de curso e por ter me orientado de forma dedicada.

Agradeço a minha banca examinadora, Rosa Primo e Emyle Daltro, pelas considerações, elogios e indicações de melhora. Terei uma atenção minuciosa em cada sugestão.

Agradeço aos técnicos que fizeram essa apresentação acontecer com cada detalhe e dedicação. Obrigada Alencar Junior, David Leão e Wallace.

Agradeço a minha família pelo apoio, carinho e compreensão. Por sempre estarem do meu lado, me incentivando e ajudando. Obrigada Magda, Imelda, Magaly e Renan.

Agradeço aos amigos da faculdade pela parceria e ajuda, mas especialmente a Rickson Barros e Ana Luiza pelo apoio no som e na luz.

Agradeço aos meus amigos do colégio e da faculdade de biologia que me ouviram, acalmaram e sempre me compreendem. Obrigada Isabela, Natália, Camilla, Gabriella, Andrezza, Yann e Michaela.

Agradeço, por fim, a plateia que me assistiu no dia da minha apresentação.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	7
2. PROCESSO DE PESQUISA.....	7
3. DESCRIÇÃO FINAL DO ESPETÁCULO.....	9
ANEXO A- FLYER DE DIVULGAÇÃO.....	11
ANEXO B- FOLDER COM FICHA TÉCNICA, SINOPSE E POEMA.....	12
ANEXO C- PROJETO EXPERIMENTAL DE TCC.....	13

Lugares que não cabem: processo de pesquisa



1. Apresentação

Lugares que não cabem é um trabalho na modalidade de expressão artística. É uma obra de dança solo, estruturada por uma composição coreográfica e improvisação em processo de criação, com acordos prévios.

Para esta apresentação foram desenvolvidos os seguintes materiais que estão em anexo: folder contendo sinopse e ficha técnica da apresentação e um flyer para divulgação do mesmo.

A apresentação acontecerá no Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, no dia 14 de dezembro de 2022, às 19 horas e a banca será composta pelas professoras: Denise Parra (orientadora), Rosa Primo e Emyle Daltro.

Este trabalho pode ser acessado na íntegra no canal do Youtube dos cursos de graduação em Dança, do Instituto de Cultura e Arte, através do link: <https://danca.ufc.br/pt/tcc-eed/2022-2-433708-isadora-mendes-gondim/>

2. Processo de pesquisa

Esse trabalho teve início durante o período de adoecimento da população mundial pela COVID-19. Antes da pandemia era costume nas cidades o tempo ser caótico e rápido, em que as pessoas trabalhavam e viviam de forma acelerada. Quando o isolamento começou pude perceber o rompimento dessa velocidade no dia a dia, com a campanha do fique em casa o que nos levou a um desaceleramento da vida. Alterando o movimento para pausas, o barulho para o silêncio ora em equilíbrio, ora em desequilíbrio.

Durante essa época comecei a refletir sobre o pertencimento a espaços e percebi que haviam diversos lugares que não cabiam. Essa reflexão deu origem ao poema Lugares que não cabem que foi inspiração para criar uma videodança debaixo de uma mesa. Essa dança foi feita para a cadeira de introdução a coreografia que aconteceu de forma remota em 2020.

Em 2021, ainda em isolamento e refletindo sobre esses espaços e tempos, fiz de forma remota, a cadeira de Análise dos elementos da composição coreográfica e estudei sobre restrição a partir da leitura do texto: Um movimento qualquer de Paulo Caldas.

Quando fiz o pré-projeto de TCC resgatei esses estudos e pensamentos e decidi desenvolver um solo a partir deles. Construí um roteiro, pesquisei outros textos, que me levaram ao viewpoints, além de outros referenciais teóricos que colaboraram com a ideia de restrição e dualidades.

O passo seguinte foi uma pesquisa musical que contribuiu com essa mesma ideia e me levou a escolha das seguintes músicas: Sons de cidade, Ninguém de Francisco Eller, O universo na cabeça do alfinete de Lenine e O mundo é um moinho de Cartola, em uma gravação interpretada ao violão por Renan Monteiro.

Iniciei o projeto experimental fazendo um roteiro preliminar de como seria a apresentação e ao mostrar para a orientadora Denise Parra, o mesmo passa pelas primeiras modificações, o que me levou a começar testando a exaustão do corpo e ver quais movimentos surgiam a partir disso.

Experimentei chegar à exaustão correndo pelo espaço em círculos, no formato do infinito, pulando, de lado e de costas, sem música e depois com música, na tentativa de tornar mais dinâmico para o público. Logo percebi que iniciar pela exaustão tinha o risco de não conseguir realizar o solo até o final e também poderia ocasionar no espectador uma certa fadiga.

Assim, depois de vários testes, ficou decidido começar a apresentação andando devagar formando o símbolo do infinito, alterando o andamento do caminhar de lento para rápido e ao mesmo tempo diminuindo o espaço percorrido no palco, ao som de ruídos da cidade.

Em setembro surgiu outra ideia. Foi pensando em introduzir nessa parte do solo, objetos presos em mim que cairiam no chão formando o infinito à medida em que eu iria andando. Essa ideia foi desconsiderada após várias tentativas, porque não correspondeu ao efeito esperado.

Na música Ninguém, testei movimentos de queda e recuperação (de maneira rápida, lenta, pelo ombro, pelo corpo todo, etc). Também experimentei movimentos ondulatórios, alternando com movimentos de queda e recuperação do corpo todo. Estudei a música, o que me ajudou a conhecer melhor suas nuances e a realizar experimentos me movendo apenas na pulsação, depois me movendo apenas no ritmo e por fim me movendo na melodia.

Após alguns testes ficou decidido que para representar a chegada da pandemia, bem no seu início, o que funcionava melhor era dançar fazendo ondulações com o corpo, pois esses movimentos podem representar o vai e vem; os altos e baixos da vida.

O passo seguinte foi testar recitar o poema de diversas formas (lento, rápido, sentado, em pé, dançando, agachado, andando, parado). Durante a pesquisa vimos que o tempo da fala estava de acordo com o movimento. Dessa forma, ficou decidido que o poema ficaria mais para o final da composição.

Para a música O universo na cabeça do alfinete, a ideia foi explorar as dualidades (movimento e pausa, barulho e silêncio, equilíbrio e desequilíbrio). Experimentei de diversas formas: me movendo quando a música parava e parando em pose quando a música tocava e observando a qualidade de fluxo de movimento. Essa ideia perdurou por um mês, mas percebemos que os movimentos em silêncio eram melhores que os durante a música. Ao final das observações ficou resolvido diminuir na edição, a música O universo na cabeça de um alfinete.

Depois, pesquisei sem música, movimentos posturais (que vem do centro), vocalizações, movimentos com ênfase na expressão de emoções (medo, tristeza, raiva, alegria e calma).

Em seguida, relembrei a primeira versão da dança em baixo da mesa e criei uma versão similar com transições mais dançadas. Foi nesse ponto que percebemos a necessidade de pesquisar sobre os movimentos de transição entre cada cena, de modo que a história fosse narrada de forma contínua, através do corpo em movimento.

3. Descrição final do espetáculo

Após todas essas pesquisas e experimentações ficou decidido que a apresentação solo ficaria assim: início de pé, na marcação de diagonal 2 parada enquanto o público entra. Começo a andar devagar ao som do poema: Lugares que não cabem, fazendo a formação do símbolo de infinito e gestos do cotidiano.

Depois, ao som de ruídos da cidade, mudo o andamento dos meus movimentos. Vou aos poucos acelerando a velocidade dos passos e em um determinado momento, quando ando rápido o espaço percorrido desenhando o infinito diminui de tamanho. Ao terminar a música, vou para a diagonal 2 do palco novamente, e, dou início a movimentos passando as mãos por todo o corpo, reconhecendo que estou parada.

A música Ninguém, começa a tocar e os movimentos ondulatórios surgem aos poucos, explorando de acordo com o viewpoints: o andamento(médio, rápido, lento, hipervelocidade e mais lento que puder), duração (longa, média e curta), mudança de

direção (lado, trás, diagonal e frente). Quando a música termina, paro na diagonal 8 e em silêncio, faço o que chamamos de: Enlouquecer de movimentos ondulatórios.

Quando a música O universo da cabeça de um alfinete começa a tocar faço a transição de movimentos ondulatórios para desequilíbrio e equilíbrio. A música para de tocar e depois de explorar o equilíbrio e o desequilíbrio, realizo movimentos de contração do popping. Em seguida faço uma transição entre os movimentos do popping para movimentos de balanço frontal com passos para trás e para frente.

Na sequência, me movo 5 vezes, lateralmente, de um lado para outro do palco, demonstrando sentimentos e intensidade de movimentos diferentes. Inicio, saindo do canto 8 para o canto 2. Os sentimentos demonstrados são: medo, tristeza, raiva, alegria e calma.

Após expressar a emoção de calma faço uma passagem de movimento postural para expansão e retração dos ombros e tronco. Em seguida, como quem se prepara para caber em um lugar restrito, introduzo movimentos saltitantes, de pêndulo com o tronco e falo onomatopeias (ex: Zapararapazatibum). Ainda falando, as luzes se apagam e me encaixo debaixo da mesa.

A cena seguinte se dá com a música O mundo é um moinho. Começo uma coreografia pensada para esse momento em que tento me encaixar no espaço da mesa. Ao final, saio da mesa recitando o poema Lugares que não cabem e me retiro pela porta preta do teatro, finalizando a apresentação.

Anexo A:

Trabalho de conclusão de curso de
Isadora Gondim



LUGARES QUE NÃO CABEM

Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno

Av. da universidade, 2210.

Dia 14/12/2022 às 19h



Anexo B:









Lugares que não cabem

Sinopse

Você ainda não esqueceu.
Você tem que se...
Você tem que parar de...
E parar de aceitar que...

Lugares que não cabem

Pare de se medir com a régua dos outros.

Esqueça esse lugar...
Está na hora de...

TODO DIA
Não esqueça.

Na tentativa de se equilibrar na vida a doença vem e faz o desequilibrar.

Na tentativa de se encaixar, lugares que não cabem é um medo, uma tristeza, uma raiva mas também faz alegrar, quando percebe-se que não precisa caber.

Não caber é a possibilidade de arrisca-se em fazer diferente e então talvez se encontrar.

Mover-se ao encontro do outro num vai e vem entre pausas, silenciando para ouvir os barulhos coletivos.

E assim, dançar.

Ficha Técnica

Direção:
Isadora Gondim e Denise Parra
Concepção:
Isadora Gondim
Poesia:
Isadora Gondim
Trilha Sonora/Edição:
Alencar Jr. e Isadora Gondim
Interprete no violão:
Renan Monteiro
Iluminação:
Isadora, Denise e Wallace
Operação de som e luz:
Ana Luiza Gomes e Rickson Barros
Fotografia:
Erika Nogueira
Filmagem:
David Leão
Figurino:
Isadora Gondim e Magda Mendes
Orientação:
Denise Parra

Universidade Federal do Ceará
Bacharelado em dança







LUGARES QUE NÃO CABEM





14 de dezembro de 2022 - 19:00 horas
Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno

Anexo C:



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DANÇA BACHARELADO**

ISADORA MENDES GONDIM

DANÇAR E CRIAR EM LUGARES QUE NÃO CABEM

**FORTALEZA
2022**

1. Problematização

Em março de 2020, o mundo foi assolado pelo vírus COVID-19 e a humanidade foi obrigada a se adaptar a um novo estilo de vida, para evitar a proliferação da doença que levou a muitas mortes.

Esse novo estilo de vida foi marcado pelo isolamento social e para que as pessoas pudessem continuar realizando suas atividades em casa foi necessário uma adaptação através, por exemplo, da utilização da internet e do home office. Isso, contribuiu para uma ideia de que se pode fazer mais de uma tarefa ao mesmo tempo, um pensamento de que se pode estar em mais de um lugar e não pertencera nenhum. É assim que começo a pensar sobre algumas dualidades.

Durante a pandemia vi que antes dela, todos nós vivíamos de uma maneira em que podíamos nos deslocar para vários lugares. O isolamento provocado pelo vírus, entretanto, fez com que a humanidade ficasse impedida de transitar, limitando nossos movimentos. Essa é uma dualidade de movimento e pausa.

Percebi que a vida conhecida por mim até então fora composta por vários barulhos e, com o isolamento, houve uma espécie de silêncio, mas não absoluto, pois esse não existe. Passei a ouvir outros sons, antes não audíveis, comecei a refletir sobre a dualidade ruído e silêncio.

Também refleti sobre tudo aquilo que a humanidade pensava ser uma vida em equilíbrio. Com a alta possibilidade de adoecimento pelo vírus COVID-19 percebi que o mundo estava todo em desequilíbrio. Uma prova disso são os números de mortos por essa doença. Foi assim que cheguei à dualidade entre equilíbrio e desequilíbrio.

Assim, diante de tais circunstâncias, num contexto de pandemia e isolamento social, pensando e sentindo tudo isso, é que surge a ideia da pesquisa. Para abordá-la crio um poema que expressa o sentimento de não pertencimento.

O poema foi escrito de maneira que cada pessoa que o lê, pode completar de diferentes formas, as lacunas existentes ao final de suas frases. Ele fala sobre lugares que não cabem, lugares de restrição, lugares de dualidades extremas. Mas,

quando termino suas frases com reticências, tento possibilitar que tais questionamentos sejam sentidos e expressados de diferentes maneiras, numa tentativa de organização do que foi desorganizado, para a compreensão do que estava acontecendo no mundo.

Abaixo o poema de minha autoria que inspirou a ideia para esse trabalho:

Lugares que não cabem

Você ainda não esqueceu.

Você tem que se...

Você tem que parar de...

E parar de aceitar que...

LUGARES QUE NÃO CABEM

Pare de se medir com a régua dos outros.

Esqueça esse lugar...

Está na hora de...

TUDO DIA

Não esqueça.

A ideia para este trabalho parte de um sentimento de não pertencer a lugar nenhum, e da tentativa de se encaixar em alguns lugares. Observo que este sentimento não é de um lugar específico, não é de um único indivíduo, mas sim de coletivos, de multidões. Lugares que não cabem fala do diverso, da dualidade, de restrições e do

sentimento de pertencimento ou de exclusão. E essa é mais uma de suas dualidades.

2. Objeto de pesquisa

2.1 Frase do objeto

Criação de um solo de dança inspirada nos textos *O movimento qualquer* de Paulo Caldas (2009) e *O livro dos viewpoints* de Anne Bogart e Tina Landau (2005) a fim de possibilitar reflexões sobre lugares que não cabem.

2.2 Desenvolvimento do Objeto

Provocada pela experiência do isolamento, lugares que não cabem, aparece como sentimento de não pertencer a lugar nenhum, isso porque, somos seres sociais e a mudança repentina e radical de nossas vidas gerou tal sentimento em muitos denós.

Confinados em nossas casas, milhares de pessoas tiveram que enfrentar inúmeras perdas e dificuldades de se manter longe das relações sociais no cotidiano o que desencadeou diversos adoecimentos para além da contaminação pelo vírus.

Diante de todas essas mudanças, me perguntei: a arte faz bem à saúde? De acordo com Amarante (2022), para além de um objetivo terapêutico em si, a arte tem uma potência que transcende seu uso instrumental, que abre perspectivas para a produção de novas subjetividades e sentidos, para novas sociabilidades e significados, para novas formas de pertencimento social.

Também Catarina Dahl (2022), diz em entrevista:

Todas essas expressões ou manifestações culturais – música, teatro, dança, expressões artísticas, saberes populares, tradições relacionadas às nossas raízes ancestrais-, de alguma forma, nos fazem entrar em contato com aquilo que temos de mais humano. Tudo isso nos faz conectar com uma certa coletividade. A cultura nos ajuda também a criar um senso de pertencimento a um grupo, a uma comunidade ou território, um senso de pertencimento ao mundo e esse é um dos principais fatores de proteção da saúde.

Promover cultura e todas suas manifestações pode ser uma estratégia poderosa de promoção da saúde mental, do bem viver, porque nos conecta com o que há de belo, nos ajuda a sublimar o sofrimento, a construir outros sentidos para o sofrimento.

Assim, podemos dizer que a arte ajudou e ainda ajuda as pessoas a passarem de uma maneira mais leve por esse período de isolamento social. Aulas de dança, músicas, shows, cursos de criação, lives online, etc, são exemplos de caminhos que utilizamos para lidar com as adversidades.

Tendo em vista que experienciar artisticamente possibilita que a vida se torne mais leve, o trabalho será realizado por meio de um solo de dança, em que através do movimento tratarei sobre lugares restritivos e lugares de dualidades, na tentativa de encontrar lugares singulares que cabem.

Com esse propósito, pretendo dividir a apresentação em três momentos: um poema, três dualidades e espaço de restrição.

No primeiro momento, o poema será entregue para o público de forma impressa antes da apresentação para que as pessoas possam preencher como quiserem as reticências dele. Iniciarei o solo recitando o poema na forma original escrita por mim.

O segundo momento do solo irá tratar através de improvisação sobre três dualidades que permeiam o trabalho: movimento e pausa; equilíbrio e desequilíbrio; silêncio e barulhos.

A composição que será feita tem a intenção de provocar através dos movimentos corporais, reflexões a partir de tais dualidades, que, quando vistas como absolutas são lugares que não cabem, mas que podem provocar a busca por pertencer a lugares que cabem, quando ampliamos a nossa percepção e visualizamos lugares intermediários entre esses dualismos.

Como base teórica desta composição utilizarei *O livro dos viewpoints* de Anne Bogart e Tina Landau (2005). Além disso, o solo terá como fundo musical, a composição *O universo na cabeça do alfinete*, de Lenine

O terceiro momento será composto por uma composição em espaço restrito, onde tentarei me encaixar em um lugar que não me cabe. Para execução dessa restrição

de espaço usarei a música *O mundo é um moinho*, de Cartola e como orientação teórica os textos *O movimento qualquer* de Paulo Caldas (2009) e *Uma proposição para a dança: a restrição como possibilidade* de Aline Vallim (2014).

No final da apresentação selecionarei aleatoriamente três versões do poema cuja reticências tenham sido preenchidas durante o solo para serem lidas por mim.

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Propiciar um momento sensível e reflexivo sobre lugares restritivos e o que há entre dualidades extremas, a partir do contexto de isolamento social, através de uma apresentação de dança solo aberta ao público.

3.2. Objetivos específicos

- Compreender a partir de uma composição coreográfica com restrição de espaço, o contexto de isolamento social;
- Problematizar sobre dualidades, tais como movimento/pausa; silêncio/barulho; equilíbrio/desequilíbrio, através da improvisação em dança;
- Promover um momento reflexivo sobre restrição de espaço e de movimento a partir de uma apresentação de dança solo.

4. Metodologia

Para a execução do trabalho, iniciarei com a revisão do poema, seguido por uma pesquisa bibliográfica sobre restrição de espaço e delimitações de dualidades. Entendo a delimitação de dualidades a partir da demarcação dos limites entre movimento/pausa; silêncio/barulho; equilíbrio/desequilíbrio. Farei uma pesquisa sobre os movimentos possíveis existentes entre essas dualidades extremas. Em seguida, farei pesquisa musical e também pesquisa de movimento em sala de ensaio com restrição de espaço a partir do *Viewpoints* (BOGARD, LANDAU, 2017) e de um plano demarcado no chão.

Depois, pretendo realizar pesquisa de movimento em sala de ensaio com restrição de espaço tridimensional; pesquisa de movimentos para os dualismos em espaço sem restrição, de modo a improvisar. A seguir, escolherei e reservarei o local de apresentação.

Após realização de pesquisas já mencionadas, tenho em vista a realização de uma composição cênica dos movimentos pesquisados com e sem restrição de espaço; o ensaio do poema base para recitação; roteiro para uma apresentação solo; a escrita de uma sinopse; a confecção de cartazes, convites, folders para serem divulgados virtualmente e a produção de cenários, figurinos, iluminação e sonoplastia.

No último mês, quero realizar uma apresentação solo aberta ao público. Para isso, farei a divulgação da mesma virtualmente; cumprirei ensaio no local de apresentação e efetuari a impressão do poema *Lugares que não cabem*, para ser entregue ao público presente no momento da apresentação solo.

4.1 Pesquisa bibliográfica

Na busca do aprofundamento sobre o tema restrição, será utilizado o texto O movimento *qualquer* (CALDAS, 2009), e *Uma proposição para a dança: a restrição como possibilidade*, (VALLIM, 2014).

Ainda sobre restrição de espaço desta vez associada ao ponto de vista da delimitação de dualidades pretendo utilizar como base teórica *O livro dos viewpoints* (BOGARD, LANDAU, 2017) o texto *O espaço físico do tempo sonoro: silêncio e ritmo*, (LUCAS, 2014) e *Menos dualidade, mais abertura, trocas e possibilidades*, (PORFÍRIO, 2021).

5. Justificativa

A ideia de investigar acerca da improvisação chega como forma de defender a sua importância como composição de dança e mecanismo de apresentação cênica. Sabe-se que, nesse campo, há uma vertente de artistas e pesquisadores que não acredita na improvisação como possibilidade de se compor artisticamente em

dança. Algumas pessoas não consideram como arte apresentações que são criadas a partir da improvisação.

Segundo Meyer, Mundim e Weber (2012, p.2),

No Brasil, desde muito cedo, ouvimos as expressões, “Para de fazer arte, menino!”, “Bobeou, dançou!” ou “Não sabe o que fazer, improvisa.” As palavras arte, dança e improvisação nos são apresentadas impregnadas de um olhar, em primeira instância, negativo. Aquele que faz arte é quem bagunça, quem destrói, quem desarruma, é aquele indisciplinado, que incomoda. Aquele que dança é aquele que se dá mal. E aquele que improvisa é quem faz qualquer coisa, de qualquer jeito, porque não sabe, de fato, o que deve fazer.

Entretanto, elas seguem

A improvisação, como possibilidade cênica, potencializa o modo de conduzir as relações. Previamente à realização de cenas instantâneas há um estudo corporal aprofundado para encontrar possibilidades e movimentos que produzem imagens e geram situações. Porém, o ato de improvisar, em si, não se utiliza desse repertório/vocabulário de modo mimético ou reprodutivo. A improvisação recria a memória ao embeber-se do presente para a produção do futuro que, imediatamente, torna-se presente e passado. (Meyer, Mundim, Weber, 2012, p.2).

Isso reafirma a ideia de que improvisa quem tem uma base teórica, técnica e prática consistentemente fundamentada. E é nesse sentido, que se justifica o solo proposto desta pesquisa.

6. Cronograma de execução

Atividades	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Revisão do poema <i>Lugares que não cabem</i>	X				
Pesquisa bibliográfica	X				

Atividades	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Pesquisa musical	X				
Pesquisa de movimento em sala de ensaio com restrição plana de espaço demarcado no chão	X				
Pesquisa de movimento em sala de ensaio com restrição de espaço a partir do viewpoints	X				
Pesquisa de movimento em sala de ensaio com restrição de espaço tridimensional		X	X		
Pesquisa de movimentos para os dualismos em espaço sem restrição para uma improvisação		X	X		
Composição cênica dos movimentos pesquisados com e sem restrição de espaço		X	X	X	
Ensaio do poema base				X	
Roteiro para uma apresentação solo				X	
Escrita de uma sinopse				X	
Confecção de cartazes, convites, folders, sinopse para ser divulgado virtualmente				X	
Produção de cenários, figurinos, iluminação e sonoplastia				X	X

Atividades	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Escolher e reservar o local de apresentação		X			
Divulgação da apresentação solo					X
Ensaio no local de apresentação					X
Impressão do poema Lugares que não cabem					X
Uma apresentação solo					X

7. Referências bibliográficas

AMARANTE, Paulo. **Do trabalho terapêutico e da arte-terapia à cidadania e à transformação do lugar social da loucura.** Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, n. 31, 2022. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/trabalho-terapeutico-arte-terapia-cidadania>. Acesso em: 8 de jul. de 2022.

BOGART, Anne; LANDAU, Tina. **O livro dos viewpoints: um guia prático para viewpoints e composição.** organização e tradução, MEYER, Sandra. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CALDAS, Paulo. **O Movimento Qualquer.** In: MEYER, Sandra; NORA, Sigrid e WOSNIAK, Cristiane. (Org.). Seminários de Dança. O que quer e o que pode ser [ess]a técnica?. 1ed. Joinville: Letradágua, 2009, v.1, p.35-43.

DAHL, Catarina. **Saúde mental nas Américas: caminhos, realidades e perspectivas.** Entrevista concedida à Ana Paula Guljor. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, n. 31, 2022. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/saude-mental-americas-entrevista-catarina-dahl>. Acesso em: 8 de jul. de 2022.

LUCAS, João Paulo. **O espaço físico do tempo sonoro: silêncio e ritmo.** V COMA. Coletivo de pós graduação em artes. Territórios expressivos: pesquisa e criação. Universidade de Brasília. Brasília: 2014.

MEYER, Sandra; Mundim, Ana Carolina da Rocha; Weber, Suzi. **A Composição em Tempo Real como possibilidade criativa.** Tempos de memória: Vestígios, Ressonâncias e Mutações. Porto Alegre: Out. 2012.

PORFÍRIO, Sérgio. **Menos dualidade, mais abertura, trocas e possibilidades.** Critique: A arte de discernir. Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <https://escolascritique.com.br/2021/02/18/menos-dualidade-mais-abertura-trocas-e-possibilidades/>. Acesso em: 8 de jul. de 2022.

VALLIM, Aline. **Uma proposição para a dança: a restrição como possibilidade.** 2014. Dissertação (Mestrado de dança) – Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.